



D. Jorge Pina Cabral

O TEMPO DA MATURIDADE

Após a última ceia com os seus discípulos, Jesus abre o coração e deixa-lhes o seu testamento. É o último dizer de Jesus, é a sua despedida antes da sua paixão, crucificação e morte. O que impressiona nesta abertura de coração é que está mais preocupado em confortar do que ser confortado, em animar do que ser animado. Numa palavra, Jesus uma vez mais, entrega-se aos seus. As suas palavras manifestam um tom tranquilizador. Jesus sabe que eles ainda não têm capacidade de entender tudo aquilo que ouviram e viram e muito menos, o drama da sua paixão e morte que está para acontecer.

Se por um lado é necessário que Ele se ausente, por outro não os vai deixar órfãos. Tranquiliza-os e anima-os dizendo: «Hei de pedir ao Pai que envie um outro para vos ajudar, o Espírito de verdade que há-de viver para sempre convosco» (S. João 14, 16). Jesus anuncia, a vinda de «outro defensor», o Espírito Santo, que os conduzirá à compreensão de tudo e os fortalecerá nas dificuldades.

É o tempo da promessa e do conforto. Jesus assume-se como um Pai ou uma Mãe, que sabe que os seus filhos e filhas ainda não estão preparados, dado que lhes falta «a maturidade de vida e de fé», para poderem compreender e aceitar o que lhes é dito e proposto. Tudo tem o seu tempo e uma prova de amor para com os outros, é saber quando é chegada a altura própria para podermos ter determinadas conversas e até fazermos determinadas propostas de orientação de vida.

Só após a Ressurreição e a vinda do Espírito Santo no Pentecostes é que os discípulos começaram a compreender muitos dos ensinamentos e ações de Jesus. O próprio Jesus diz aos seus discípulos: «O Espírito Santo que o Pai vos enviará a meu pedido, há-de ensinar-vos tudo e fará com que vocês se recordem de tudo o que eu vos ensinei» (S. João 14,26). Na sua solicitude paternal e maternal, Jesus não só lhes concede tempo como lhes concede o Espírito da verdade. Prepara-os para o seu crescimento interior e espiritual e para o acolhimento do Espírito Santo. Jesus não abandona os que são seus e é lhes sempre fiel. Jesus está connosco hoje na ação do Espírito Santo que nos foi dado no batismo.

Agora é o tempo da maturidade que requer opções assumidas por Jesus Cristo. É o tempo da Igreja que somos. É o tempo do testemunho da fé apesar da indiferença de tantos e tantas. É o tempo de assumir o sofrimento na fidelidade a Cristo. Foi para este embate com o mundo que Jesus preparou os seus discípulos na última ceia e que prepara também os discípulos de hoje, que somos nós. Inerente à fé está também o assumir do sofrimento que nos é provocado pelos outros. O Espírito Santo não nos retira deste embate nem da exigência da vivência da fé. Mas acompanha-nos e sustenta-nos para que possamos dar o nosso testemunho. É grande o salto que os discípulos são chamados a dar quando Pedro na sua primeira carta afirma: «Mas, se tivessem de sofrer por fazer o bem, felizes de vocês» (I Pedro 3, 14). Aqui já somos tratados como adultos e como homens e mulheres cuja identidade mais profunda se revê na cruz de Cristo e não nos poderes instituídos e valores deste mundo.

Esta identidade batismal, sustentada na morte e ressurreição de Jesus Cristo, contem em si a liberdade capaz de conferir a esperança. O discípulo de Jesus é chamado a crescer na fé e na maturidade interior para partilhar alegremente as razões da sua esperança. Tudo o que fizermos e anunciarmos na ação do Espírito Santo torna-se já proclamação da Boa Nova.

A maturidade da fé requer que sejamos ícones do Seu Amor, sabendo que, hoje como ontem e na nossa fragilidade, as mãos de Deus continuarão sempre a sustentar-nos.

Feliz Tempo de Pentecostes!

+ Jorge